

Histórias de vida e aprendizagem

A memória do rádio a partir do relato de ouvintes septuagenários

João Batista de Abreu
Doutor em Comunicação e Cultura/UFRJ
jornalista, sociólogo, professor associado do
Departamento de Comunicação Social/UFF
e-mail: joaobajr@uol.com.br

Júlia Bertolini
Estudante do Curso de Comunicação, Habilitação, Jornalismo e
bolsista do programa de Iniciação Científica (Pibic)/UFF
e-mail: julialbertolini@gmail.com

RESUMO

Resumo do depoimento de pessoas com mais de 70 anos, ouvintes de rádio e moradores da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Informações sobre o cotidiano de práticas de escuta, tipos de programação, emissoras prediletas, horários e influência do rádio na formação cultural, política e no imaginário social desses ouvintes.

Palavras-chave: rádio; memória; recepção; práticas de escuta

ABSTRACT

A summary of the testimony of radio listeners over seventy years-old, all living in the metropolitan area of Rio de Janeiro. Information about daily listening routines, types of programmes, favourite stations and times and the influence of radio on their cultural and political background and the personal social perception of these listeners.

Key Words: radio; remembrance; reception; listening practices.

Uma lenda balinesa fala de um longínquo lugar, nas montanhas, onde outrora se sacrificavam os velhos. Com o tempo não restou nenhum avô que contasse as tradições para os netos. A lembrança das tradições se perdeu (BOSI, 1994, p. 76 e 77)

A cinematografia brasileira comprova a forte relação que sempre existiu entre o cinema e o rádio, dois ícones da modernidade. Nos anos 1940, as chanchadas lançavam as marchas de carnaval que fariam sucesso nos ranchos, salões e nos Telefunken de válvula. O tempo passa, surgem a televisão, o Cinema Novo e o rádio abandona o papel de protagonista.

Diversos longas-metragens mostram personagens que sintonizam a emissora preferida ou aparecem diante de um cenário com um aparelho Philips ou Transglobe ao fundo. *Chuvas de verão*, de Cacá Diegues, e *Hora da Estrela*, de Suzana Amaral, baseado em livro de Clarice Lispector, ilustram essa parceria. Em *Hora da Estrela*, a personagem Macabéa, migrante recém-chegada do Nordeste, desembarca solitária num quarto de pensão em São Paulo. Tem como principal companheiro um pequeno rádio de pilha, sintonizado nas curiosidades narradas, minuto a minuto, pela *Rádio Relógio*, a emissora que um dia pertenceu a César Ladeira.

Em *Chuvas de verão*, o funcionário público aposentado vê a vida passar no subúrbio carioca, entre amores redescobertos e o som do rádio AM, num eterno BG (*back ground*), (1) como um pano de fundo que faz a ponte entre presente e passado. Ambos os casos comprovam a hipótese de que o rádio exerce o papel de companheiro de todas as horas, principalmente para os milhares de brasileiros anônimos da vida real, relegados ao papel de figurantes na cena brasileira.

Após 12 meses de trabalho, as entrevistas realizadas permitem comprovar a hipótese inicial de que o rádio representou importante instrumento formador de opinião e parâmetro de condutas e hábitos de consumo, sobretudo no segmento da população que hoje está acima de 70 anos. Muitas dessas pessoas desempenham o papel de conselheiros na família e na comunidade, o que confirma a hipótese de Mário Kaplun, para quem o rádio tem um efeito multiplicador, que extrapola o universo dos ouvintes.

A ideia de Kaplun, aparentemente, contraria a visão da antropóloga Ecléa Bosi, que entende o processo de comunicação como algo “desmemoriado” e “a-histórico”, desprovido de assimilação. Para Bosi, a informação só interessa como novidade.

O receptor da comunicação de massa é um ser desmemoriado. Recebe um excesso de informações que saturam sua fome de conhecer, incham sem nutrir, pois não há lenta mastigação e assimilação. A comunicação em mosaico reúne contrastes, episódios díspares sem sínteses, é a-histórica, por isso é que seu espectador perde o sentido da história. ((1994, p. 87)

Ecléa Bosi faz uma distinção entre a recepção dos meios de comunicação e o relato particular, com base no resgate da memória. Esse trabalho tenta conjugar as duas peculiaridades, ao buscar

o valor do aprendizado alcançado por meio das transmissões radiofônicas, por meio de entrevistas realizadas a partir de ferramentas metodológicas da História Oral.

A pesquisa **Sintonia fina – a memória do rádio a partir do relato de ouvintes septuagenários**, com entrevistas realizadas no Rio e em Niterói, recupera o discurso presente no imaginário popular, nos hábitos culturais, numa visão de mundo a partir da troca permanente de informações – embora seja uma troca desigual – resgatando histórias anônimas de brasileiros que viveram (e ainda vivem) sintonizados no veículo. Um veículo que nas últimas décadas atuou, simultaneamente, como arauto e protagonista da história do país. O objetivo é mapear a influência do rádio na política, no comportamento e no entretenimento da população septuagenária da Região Metropolitana do Rio de Janeiro.

A distância entre o tempo presente – o do depoimento – e o tempo passado – do objeto pesquisado – impõe obstáculos à pesquisa. A narrativa do entrevistado está permeada por informações, conceitos e lembranças que mesclam tempos distintos. Assim, a referência ao rádio de outrora costuma vir carregada de nostalgia, não apenas da prática de escuta do rádio em si, mas dos tempos de juventude. Essa nostalgia, portanto, está imbuída de uma lembrança dos tempos bem vividos, mesmo quando marcados por dificuldades financeiras. Nilda Jacks observa que tempo e espaço constituem categorias mediadoras da ação humana, utilizadas para interpretar o mundo.

O senso comum trata o tempo e o espaço como dimensões naturais. Essa naturalização é decorrente do sentido dado pelas práticas e rotinas cotidianas e também pela percepção mental, a qual consegue fazer sentir a passagem de uma hora de espera como se fossem séculos ou que vê uma tarde escorregar em segundos (...) Tempo e espaço são, além disso, conceitos históricos, pois nem sempre são ou foram pensados da mesma forma: houve tempo em que eram noções inseparáveis e há culturas, poucas, que ainda hoje não as distinguem (JACKS, 1995, p. 2)

Dessa forma, os meios de comunicação serviriam para encurtar distâncias e alargar o espaço doméstico. No entanto, o que ocorre de fato é um simulacro de alargamento desse espaço, na medida em que os meios de comunicação intermedeiam a relação do receptor com o mundo exterior, através de um processo de seleção de informações. O tempo no rádio pode corresponder à duração de um programa, um quadro, uma crônica, uma música ou, simplesmente, a duração do tempo livre disponível do receptor.

O tempo social absorve o tempo individual que se aproxima dele. Cada grupo vive diferentemente o tempo da família, o tempo da escola, o tempo do escritório... Em meios diferentes ele não corre com a mesma exatidão. (BOSI, 1994, p. 418)

Alguns ouvintes referiram-se ao aumento da violência urbana no Rio de Janeiro nos últimos tempos e fizeram uma associação entre veículos de comunicação, segurança e espaço doméstico. Essa sensação de intranquilidade reforça o papel do rádio, sobretudo os

noticiários e programas de debate, como intermediário entre a rua, ameaçadora, e o espaço doméstico, seguro.

Outro dado importante prende-se ao lugar de recepção, que no período estudado é majoritariamente o lar, portanto o espaço doméstico construído social e historicamente. Essa prática de escuta reforça o caráter familiar e coletivo da audição de rádio. Para Nilda Jacks, o cotidiano pode representar a chave para compreender a sociedade.

É no cotidiano que se constrói a noção de lugar, que difere consideravelmente do conceito de espaço, pois pressupõe uma experiência vivida, construída social e historicamente, e plena de significado. O próprio termo espaço traz em si um sentido abstrato, ao contrário de lugar, que está sempre ligado a um acontecimento, a um mito ou história. (JACKS, 1995, p.8)

Uma das principais marcas da diferença de prática de escuta diz respeito ao lugar reservado ao rádio nos lares brasileiros. Todos os entrevistados disseram que, nos anos 1940/1950, o único aparelho da casa ocupava a sala de jantar. A audiência era predominantemente coletiva e familiar. Mesmo os programas segmentados podiam ser compartilhados por todos os membros da família. É possível afirmar que uma das primeiras tentativas de segmentação de público se dá através dos anúncios de produtos de limpeza, cosméticos e higiene pessoal, voltados para a mulher. Somente após os anos 1960 é que os tijolinhos portáteis de pilha atravessaram a porta de casa e colaram-se nos ouvidos de milhares de brasileiros, que viam naquela novidade um símbolo de *status*.

Os entrevistados confirmaram a existência do “rádio vizinho”, um hábito comum nos anos 1940 e 1950, em vários bairros pobres do Rio de Janeiro. Como nem toda a população de baixa renda dispunha de poder aquisitivo para comprar um aparelho de rádio, era comum bater à porta do vizinho para acompanhar principalmente as radionovelas e os programas de aventura, como *Jerônimo, herói do sertão*. Vale recordar ainda a importância do rádio nas praças, ouvido por meio de alto-falantes, uma forma de estender as transmissões radiofônicas às populações de baixa renda, sobretudo nas periferias das grandes cidades e no interior. Essa prática de escuta pode ser vista como uma forma solidária de audiência, favorecendo a interação social.

Dos quatro ouvintes citados nesse artigo, dois nasceram na cidade do Rio de Janeiro, uma na Zona da Mata mineira (município de Mar de Espanha) e um no litoral do Rio Grande do Norte (em Goianinha), perto da Praia da Pipa, 90 km ao sul de Natal. Apenas um deles viveu sempre no Rio. Uma carioca foi morar em Minas Gerais pouco depois de se casar e só retornou em 1955, e o potiguar desembarcou de navio no Rio de Janeiro, ainda jovem. De origem humilde, disse que não ouvia rádio no Rio Grande do Norte nos anos 1940, porque a família não possuía um aparelho. O carioca criado em Vila Cosmos, hoje morador do Leblon, foi maquiador de Emilinha Borba e se orgulha de pertencer, até hoje, ao fã clube da cantora. São quatro histórias de vida que revelam simultaneamente semelhanças e

diferenças. O ponto em comum é o reconhecimento de que o rádio fez (e ainda faz) parte de seu cotidiano.

Para alguns dos entrevistados, os programas de calouros atraíam a atenção porque se apresentavam como uma real alternativa de ascensão social, num processo de identificação humana. (2) Qualquer semelhança com os *reality shows* da TV do século XXI não é mera coincidência. O entretenimento, pulverizado entre os programas de auditório, calouros, de humor, de perguntas e respostas e radionovelas, representava uma janela para o mundo que ainda engatinhava em termos de globalização. Muitos programas – noticiários, novelas, humorísticos ou de aconselhamento – tinham um poder de penetração que extrapolava a audiência diária. Eram multiplicadores de conhecimento, valores e conceitos.

O psicólogo peruano, Sandro Macassi Lavander, conclui, em estudo realizado com ouvintes de Lima, que a circulação de informações não se encerra no momento da transmissão. “Según los oyentes la recepción no es un momento acabado sino que continúa de algum modo en la cotidianeidad y en las interacciones sociales en las cuales participa” (LAVANDER, 1995, p. 36).

Sobre os programas de auditório, os depoimentos revelam uma clara diferença de comportamento entre os ouvintes de camadas médias e de origem humilde. Todos acompanhavam os programas, sobretudo a rivalidade midiática entre as cantoras Emilinha Borba e Marlene, mas percebe-se que quem tomava partido eram predominantemente os ouvintes de origem humilde, embora houvesse professores, advogados e bancários no fã-clubes, segundo um dos entrevistados. A maior parte dos ouvintes de camadas médias preferia ver tudo a distância e condenava os excessos da plateia. Vem dessa época a expressão “macaca de auditório”, cunhada pelo cronista Nestor de Holanda, para criticar os exageros das fãs de Cauby Peixoto – a maioria empregadas domésticas – que rasgavam as roupas do artista (3).

Sérgio Pacheco, maquiador, se diz membro até hoje do fã-clubes de Emilinha, enquanto Olívia Gouveia, bibliotecária aposentada, reconhece que havia pressão para que se optasse por uma das cantoras, mas ela preferia não se envolver na disputa. A rivalidade estendia-se aos produtos anunciados pelos artistas. Sérgio lembra que, durante muito tempo, só usava o sabonete Eucalol e Leite de Rosas, recomendados por Emilinha em comerciais, e, ainda hoje, não bebe guaraná Antarctica, patrocinador de Marlene.

No cenário político, a Rádio Mayrink Veiga, (4) do Rio de Janeiro, é citada como a emissora que difundia as reivindicações trabalhistas no início dos anos 1960, sobretudo no governo João Goulart, transformando-se em polo aglutinador do movimento sindical. É fácil entender por que teve sua concessão cassada após o Golpe Militar de abril de 1964. Mas, vale destacar que a programação da Mayrink Veiga, desde os anos 1940, não se restringia a temas políticos. Oferecia também entretenimento, como o mais importante programa de humor do rádio brasileiro, PRK-30, de Lauro Borges e Castro Barbosa. Em 1946, a PRK-30

transferiu-se para a Rádio Nacional, onde se tornou recordista de audiência no rádio brasileiro da época.

Um aspecto citado pela ouvinte que, recém-casada, morou em Muriaé e Leopoldina, na Zona da Mata mineira, foi a influência do grande centro urbano, o Rio de Janeiro, sobre os valores assimilados no interior. “Ih! Rio de Janeiro era Copacabana. Tinha que falar que morava em Copacabana”. Esses símbolos de *status* eram reforçados pelos filmes da Atlântida e a programação radiofônica, que já na época enfatizavam o aspecto glamoroso do Rio de Janeiro. A capital federal é representada pelos bairros da Zona Sul, num processo metonímico de leitura cultural da cidade. Mas, os modismos eram assimilados mais lentamente pela população do interior.

O vínculo entre o urbano e o rural, ou entre a cidade vista como Eldorado e as raízes deixadas pelo migrante, expressa-se no rádio, entre outros recursos, por meio da música de artistas como Luiz Gonzaga, já conhecido no Nordeste, mas que só se consagra de fato quando traz o baião para o sudeste do país. Nas entrevistas, isso fica patente na resposta de José Bezerril. Quando lhe perguntamos se ele tinha o hábito de ouvir música no rádio, a resposta foi um não convicto. Mas, quando vem a pergunta – “nem Luiz Gonzaga?” – o porteiro, natural do Rio Grande do Norte, revela-se: “Luiz Gonzaga é diferente. Todo brasileiro deveria ouvir”. Nunca é demais lembrar que o Rio de Janeiro se fazia conhecer dos brasileiros do interior pelos filmes da Atlântida e pelo rádio, seja através dos programas de auditório ou de perguntas e respostas, seja através dos anúncios das grandes casas comerciais, que sinalizavam endereços do consumo das camadas médias emergentes.

Outro dado curioso foi recordado por Maria Stela Carvalho, de Madureira. Na juventude, ela e os amigos promoviam festas em casa nas tardes de sábado e dançavam ao som do rádio. “A gente botava no *Baile do Chacrinha* e dançava em casa. Nós reuníamos os amigos pra dançar. Dancei muito ao som do rádio.” Ela conta que os decibéis da época eram muito mais modestos do que os liberados pelas aparelhagens de som dos tempos atuais.

O radiojornalismo mostra-se presente na memória dos ouvintes, principalmente por meio do *Repórter Esso*. A principal notícia relatada diz respeito ao suicídio do presidente Getúlio Vargas, em 24 de agosto de 1954. A ouvinte Maria Stela de Carvalho lembra que os radiojornais inspiravam apelidos: “Tinha uma vizinha que ela sabia de tudo quanto é notícia. Aí o apelido dela ficou *Repórter Esso*, e a filha dela ficou *Jornal Pirelli* (risos). Era *Repórter Esso* e *Jornal Pirelli* (5).

O programa Voz do Brasil, que costuma sofrer críticas por seu aspecto compulsório, nem sempre é visto com repulsa. Com a palavra o porteiro José Bezerril da Silva: “Todo mundo acha que é um pé no saco, mas às vezes eu ouço. Divulga tudo que você quer saber, da sua nação, da sua política. Pena que o brasileiro desliga o rádio. Pra mim, eu acho interessante. Mas cada um tem seu cada um, a gente tem que respeitar”.

Em 1947, o Rio de Janeiro possuía 13 emissoras de onda média. A de maior audiência e, conseqüentemente, de maior faturamento era a *Rádio Nacional* (PRE-8), que registrou uma receita de 50 milhões de cruzeiros naquele ano. Em segundo, vinha a *Rádio Tupi*, com faturamento de 24 milhões de cruzeiros, em terceiro, a *Mayrink Veiga*, com 7,6 milhões, e em quarto lugar a *Rádio Continental*, com 6,7 milhões de cruzeiros. (6)

Ao lado do cinema falado, o rádio corresponde ao primeiro momento na história dos meios de comunicação em que o conhecimento, a cultura e a ideologia são transmitidos por meio da língua falada. Até então, a língua falada limitava-se ao campo das relações sociais, seja no plano formal – a escola, o culto, o ambiente de trabalho – seja na informalidade, no contato com a família e os amigos. Essa característica empresta ao rádio um certo de ar de intimidade e de aproximação com o ouvinte, levando-o a viajar no tempo e a construir personagens no imaginário social, a partir da voz de atores, cantores, locutores e apresentadores. Ou simplesmente um vínculo afetivo para afastar a solidão imposta pela cidade grande, como o gosto de Macabéa pela *Rádio Relógio*.

O objetivo da pesquisa Sintonia Fina é ensinar um trabalho de mapeamento da influência do rádio na política, no comportamento, na vida cultural e no entretenimento da população septuagenária da Região Metropolitana do Rio de Janeiro. Vamos ouvi-los:

1) Maria Olívia Gouveia, 70 anos, bibliotecária aposentada, natural de Mar de Espanha, Zona da Mata de Minas Gerais, veio para o Rio aos 5 anos de idade, na infância morava no Méier. Mora em Laranjeiras há 50 anos.

Eu fiz o primário no Colégio República do Peru, no Méier. Era uma escola pública grande. Tinha até sessões de cinema. Naquela época, os filmes de carnaval eram baseados nos cantores do rádio: Emilinha, Marlene, Francisco Carlos. Os filmes da Atlântida eram baseados em música de carnaval e a gente aprendia no rádio, claro. Não era como escola de samba hoje, em que você compra o CD pra ouvir. A gente ouvia e aprendia ali no rádio.

Novela

O *Direito de Nascer* (1951-1952), no tempo de rádio, eu me lembro bem. Minha mãe ouvia e eu também ouvia. Aquilo era muito bonito, muito bem feito. Tinha uma artista chamada Ísis de Oliveira, que a gente imaginava a moça mais linda do mundo. O rádio não mostrava, era uma voz maravilhosa, como eu nunca vi. Mas, ela era uma criatura que não tinha nada disso. Quando apareceu o rosto dela, foi aquela decepção. Havia também esses programas de aventura, tipo Jerônimo, coisas assim que a gente ouvia e depois teve na televisão. Era isso aí, era música, programas de auditório de música, Francisco Alves tinha, aquilo era tradicional aos domingos, o Rei da Voz. Eu sou a caçula, então meus irmãos, já rapazes, ouviam e eu aprendi a gostar de rádio assim. Já tínhamos vitrola também, os meus

irmãos gostavam muito. Mas as músicas eram lançadas no rádio, disco não era uma coisa tão comum assim.

Entretenimento

Naquele tempo o pessoal se dividia entre Marlene e Emilinha Borba. Eu nunca fui de fã-clube nenhum, nunca frequentei nada disso e nem tinha esse fanatismo. Mas todo mundo tinha que tomar um partido. Então, o Roberto Carlos já dizia assim, eu era Emilinha! A juventude mesmo. Me lembro que na escola normal a gente conversava sobre isso. Eu gostava mais da voz da Emilinha Borba, das músicas que ela cantava, mais românticas, eu gostava mais do lado dela. Mas não era de fã-clube nenhum. Gostava de outros também. Minha mãe era doida pelo Carlos Galhardo, então eu aprendi a gostar das músicas assim e gosto até hoje das músicas antigas. Minha mãe trabalhava muito. Fazia todo o serviço de casa. Eu estudava e ouvia mais era música, fazendo um trabalho que não dependesse de muita atenção, ouvindo uma música de fundo. Fazia dever com o rádio ligado.

Naquela época os filmes de carnaval eram baseados nos cantores do rádio, Emilinha, Marlene e Francisco Carlos. Era assim na época da Atlântida. Era filme misturado com música de carnaval, música de carnaval a gente aprendia no rádio, claro. Não era como escola de samba hoje, que você compra aí o CD pra ouvir, não. A gente ouvia e aprendia ali.

Jornalismo

Lembro da notícia da morte do Getúlio, que foi na rádio. Então fui na casa de uma colega pra avisar e poucas pessoas sabiam. A notícia não corria tão rápido como agora, né? As pessoas não sabiam e eu fui avisando. Hoje não tem aula porque morreu o presidente da República. Faltar aula era um absurdo. As pessoas diziam: “eu vou até lá” (*no Palácio do Catete*). E eu falava: “vai até lá o quê, menina, liga o rádio aí pra você ouvir”.

Rádio x televisão

Eu prefiro entrevista no rádio; ouvir a entrevista, porque prende mais a atenção da gente. Na televisão eu me distraio com o cenário. Agora, a televisão tem o valor da imagem. A televisão é visual, pra você olhar mesmo, para apreciar. Agora pra ouvir, pra prestar a atenção mesmo, pra gravar, o rádio é melhor. Eu gosto mais. Entrevistas, política, mesmo programas culturais, eu acho muito melhor ouvir no rádio do que ver na televisão.

AM x FM

Engraçado, eu ainda prefiro ouvir um bom programa, que apresente músicas interessantes e com uma história, do que botar um CD e ficar ouvindo simplesmente música. Isso é meu jeito de ser. A turma atual com esses *headfones* ouvindo aquela musiquinha horas e horas. Pode ser que se eu fosse dessa geração eu gostasse, mas não é o meu gosto.

Isso não me atrai. Eu gosto dos programas de televisão que falam da música, falam do autor, falam na história. Então, eu gosto de rádio nesse sentido, aliás, depois de aposentada, porque antes eu não tinha tempo. Eu ouço muito mais rádio do que ouvia antes. Muitas vezes tá ligado aqui (*na sala*) e eu tô ouvindo lá, no meu quarto. Onde tem um rádio eu ligo, e o rádio de pilha me acompanha também.

Ouçó a MEC, mas ligo também a *Globo*, conforme o programa. Conheço vários. FM não. AM. Não gosto de FM. Não vejo nos canais de FM nenhum que me interesse, a não ser a rádio católica, a *Catedral*. Minha mãe ouvia e rezava o terço. Então, até hoje eu ainda procuro na rádio *Catedral* alguns programas religiosos. Fora isso, rádio é só no AM. É *Globo*, é *Tupi*, é a MEC, que eu gosto muito e, às vezes, a *Carioca*, que tem programas religiosos à noite, de madrugada, mas tem entrevistas também. Na MEC, eu gosto da linha musical, que é brasileira. Música brasileira é onde mais se ouve. De manhã, ouço às vezes a *Globo*, notícias e tal. Não ouço o programa do Marcelo Rossi. Não é minha linha, não.

2) Sérgio Luiz Loureiro Pacheco, 64 anos, maquiador, solteiro, carioca criado no Catete e em Vila Cosmos, morador do Leblon.

Jerônimo, herói do sertão

O Brasil inteiro ouvia a *Rádio Nacional*. O botãozinho que girava lá em casa, por exemplo, já escangalhava ali na *Rádio Nacional*. Porque nós tínhamos obrigação de ouvir as novelas, os programas de auditório, e pra nós, então, infante-juvenil, começava às seis horas *O Cavaleiro Negro*. Era um seriado, depois tinha um anjo e terminava com *Jerônimo*. Terminava às sete e meia e era quando começava a *Hora do Brasil*, a hora que todo mundo desligava o rádio. Pelo menos, nós desligávamos. Aí, depois da *Hora do Brasil*, começava a novela das oito, que a família inteira ouvia, quer dizer, a mamãe, às vezes, costurando.

Nessa época morávamos lá na Vila Cosmos. Todos nós nascemos em Botafogo e morávamos no Catete. Do Catete é que fomos pra Vila Cosmos. Eu tinha três anos. Eu também saí da Vila Cosmos cedo. Em 1956 eu já estava morando em Copacabana, morei muitos anos com a minha tia e depois fomos pra Laranjeiras. Mas não tinha diferença, porque a sintonia da Rádio Nacional sempre foi muito boa. E eu tive contato mais tarde com o fã-club de Emilinha Borba. Em Sete Lagoas, inclusive Clara Nunes me falava muito que ela ouvia num rádio que era feito por telefone, não conheço esse tipo, um negócio tão antigo do interior, mas pegava bem. Ela ouvia bem.

Na Vila Cosmos a gente botava o rádio alto pra todo mundo ouvir. Eu acho que igual a *Rádio Nacional* não tem outro meio, não teve antes e não tem hoje. Nem a *Globo* iguala ao sucesso da *Rádio Nacional*. Eram programas que todo mundo ouvia. Eram obrigatórios: *Balança mas Não Cai*, *Repórter Esso*, as novelas, César de Alencar, Paulo Gracindo... Eu só posso falar dos anos 50. Eu sempre tive muito contato com a Emilinha depois, por causa da

minha profissão, eu fui 40 anos maquiador dela e sou apaixonado pelo rádio e coisas que ela me contava. Eu sempre li muito sobre a *Rádio Nacional*.

Rádio vizinho

O rádio não era barato como é hoje. Então, o poder aquisitivo de muita gente não dava para ter o rádio. Por exemplo, nós tínhamos o rádio-vitrola, e nossa sala era grande. Na hora do *Cavaleiro Negro*, às seis horas, todos os colegas, os vizinhos, nós estávamos na rua brincando de pique, aí parávamos e ia todo mundo lá pra casa e só saía de lá às sete e meia, quando terminava o *Jerônimo*. Você pode botar uns vinte garotos espremidos numa sala. De 10, 12 anos, mas isso eu acho que foi até uns 14 ou 15 anos. Porque meus irmãos menores até hoje falam do *Jerônimo*.

Nós tínhamos que ter imaginação porque nós não tínhamos a imagem. Eu acho muito mais interessante a radionovela do que a telenovela, porque a novela hoje na televisão é um negócio muito estático. Não tem nem que prestar muita atenção porque você tá vendo tudo, ao contrário do rádio. A Ísis de Oliveira, que era mocinha da radionovela, de segunda, quarta e sexta, fazia par com o Paulo Gracindo. Era a mulher mais linda do mundo no imaginário de cada um, porque a voz é lindíssima, e no entanto ela é uma pessoa feia, muito legal, mas muito feia. E o Brasil inteiro imaginava a Ísis de Oliveira a mulher mais linda do mundo. Então, o *Jerônimo*, por exemplo, uns cinco anos mais ou menos depois que passou essa fase de *Jerônimo*, eu alertei pro imaginário, e eu pedi pros meus irmãos descreverem o lugar que *Maria Homem* percorria. *Maria Homem* era a mãe do *Jerônimo*. Olha, nós ouvíamos a mesma coisa, mas cada um imaginava um cenário. Eu sempre imaginei um sertão com um rio; o deles já não tinha rio. E a caverna, porque tinha um inimigo, o *Caveira*. Então eu imaginava que o *Caveira* morasse assim numa caverna, tipo assim Fantasma. Você tinha que ter imaginação pra ouvir. Nas radionovelas, por exemplo, eu me lembro em *Aqueles Olhos Negros* que a mocinha é uma nobre que se apaixona por um cigano, *Sônia de Luxemburgo* era o nome da personagem. Então, eu imaginava um castelo lindíssimo. Não os ciganos pobres que eu conhecia no subúrbio do Rio de Janeiro, mas ciganos ricos lá da Europa, o lugar que eu imaginava que eles viviam. Era passado mesmo na Europa. A *Sônia de Luxemburgo* vivia mesmo em Luxemburgo. Então, acho que nós tínhamos que ter imaginação, coisa que as pessoas hoje não têm muita. Você vê e se decepciona. Morando aqui nesse pedacinho (no Leblon, bairro da Zona Sul do Rio) você se decepciona. Às vezes, andando na rua, vejo uma mulher e penso: “meu Deus que mulher feia. É aquela mulher que eu vi na televisão?”

No rádio, não tive decepção com Dalva de Oliveira e Angela Maria. Ela era mais negra do que é hoje, mas era uma mulata muito bonitinha. E também não é só a beleza, é a simpatia. Umás tratavam bem, outras tratavam mal os fãs. Sou uma pessoa suspeita pra falar, mas Emilinha Borba e Marta Rocha. Tônia Carreiro e Marta Rocha eram mulheres lindíssimas, como Emilinha.

(*Quanto à beleza dos homens*), eu me decepcionei, por exemplo, com Orlando Silva. Eu gostava demais do Orlando Silva, mas ele sabia ser feio, tadinho. Feio, manco e usava umas calças bem em cima e um cinto apertado. Mas, pra mim, a melhor voz masculina no rádio brasileiro é Orlando Silva. Agora, a Ísis de Oliveira é tão simpática que você esquece que ela é feia. Ela continua sendo aquela mulher bonita da novela.

Jornalismo e política

Só me lembro do Grande Jornal Tupi na televisão; no rádio não. Só do *Repórter Esso* mesmo e daquela chatura da *Hora do Brasil*, em que nós desligávamos o rádio. Meu pai era getulista ferrenho, mas eu nunca fui. Sempre fui lacerdista ferrenho, mas não acredito que tenha sido através do rádio, não. Sabe por que? Carlos Lacerda tinha tido muito contato com a minha mãe, que sempre falava muito bem dele. Seu Maurício parece que era pai dele; falavam muito bem da família. Talvez isso tenha influenciado. Tanto que quando o Jânio foi candidato junto com Carlos Lacerda, Carlos Lacerda, se não me engano, era uma corujinha e Jânio uma vassourinha. (*Na verdade, Lacerda absorveu o símbolo do corvo, que começou como uma crítica dos adversários políticos*). Os dois eram da UDN. Trabalhei pra eles sem ganhar nada. Militância total. Quando eu escutei no rádio que o Exército ia pro palácio Guanabara com tanques e tal, fui pra lá, pra ficar perto, pra não atirarem nele, pra não bombardearem o palácio.

Emilinha x Marlene

Fiz amizade com os integrantes do fã-clubes da Emilinha e aí nos unimos. Uma vez saiu uma confusão danada. A Emilinha cantava ao meio-dia no programa do Manuel Barcelos. Quando ela acabava de cantar, o auditório ficava vazio, porque o público da Emilinha sempre foi maior mesmo. Então nós saíamos todos. Não queríamos ficar, porque logo depois viria Marlene para encerrar o programa. Nesse dia, era o aniversário da própria, que nós chamávamos de Agripina. Agripina é uma personagem da Zezé Macedo, feia pra danar, que lembrava muito a própria. Então, nós pusemos o apelido que combinava muito com a própria. Combinamos todos de ir de preto, camisa preta, ninguém ia sair. Emilinha ficou muito pau da vida, porque ninguém contou pra ela. Ela saiu sozinha, já não tava mais acostumada com aquilo. Nós ocupamos as primeiras filas de preto e braços cruzados. Ela tentando cantar e os fãs dela lá atrás. Quer dizer, só pra provocar. E o Leão, que era o responsável (pela segurança no auditório) tentava nos expulsar. Batia em algumas pessoas, mas não tinha jeito. Nós começávamos a gritar “ninguém pode com Emilinha, com Emilinha ninguém pode!”. Programa ao vivo, (o som) vazava, claro. Teve uma época que atrapalhava tanto o artista que eles puseram um vidro, mas a Emilinha me falou várias vezes que não ouvia a orquestra. Era tanta gritaria que não ouvia a orquestra, mesmo com o vidro. O auditório fazia parte do programa. Sem algazarra não é programa de auditório. Nós

pagávamos para ir aos programas de auditório. As pessoas dormiam na fila na praça Mauá de terça pra quarta, só pra comprar o ingresso pra assistir sábado ao Paulo Gracindo. O ingresso era comprado com antecedência. O fã-clubes tinha gente de várias camadas sociais, mas quando a pessoa é mal-educada ou mais extrovertida, sempre aparece mais. Teve uma época que passou a ser cafona idolatrar artistas da *Rádio Nacional*, porque era empregada doméstica, faxineiro. Mas, na verdade, não era isso. Tenho várias fotos de auditório em que as moças estão com luvas e chapéu. Luvas pequenininhas de pelica. Quer dizer, era uma camada social mais elevada para ter esse tipo de traje. Não eram as desdentadas da *Rádio Nacional*, as macacas de auditório. O fã-clubes da Emilinha tem vários advogados, tem juiz, médico, tem empregada doméstica, faxineira, tem esteticista como eu, que sou maquiador. Tem gente que trabalha no banco, em loja, professores, todos os perfis. A UERJ fez várias vezes homenagem para a Emilinha. Tem um professor de História chamado Júlio, que é fanzoco da Emilinha.

No auditório da *Rádio Nacional* cabiam umas 800 pessoas sentadas nas arquibancadas. Superlotado. Às vezes o Leão tinha que dar paulada em todo mundo, porque tinha que fechar o auditório e muita gente ficava no corredor. A gente subia pelo elevador de carga, que era enorme, e podia não conseguir entrar no auditório. Nós sempre protestamos, porque era como se pagássemos o ingresso e não chegássemos à sala de projeção.

Nós sempre fomos muito mal-educados. Emilinha fazia aniversário dia 31 de agosto. Todo mês de agosto a *Rádio Nacional* homenageava a Emilinha. Um dia desses, a Hebe Camargo falou isso no programa do Jô Soares. Emilinha cantava quinze para as sete e o programa começava às três horas. Quem pisasse no palco e não falasse “abraço Emilinha Borba pelo mês do seu aniversário” não cantava. Nós não deixávamos. Era vaia até que falasse. A Linda Batista uma vez fez assim.

Publicidade

Passou um tempo que Emilinha fazia (*propaganda de*) Eucalol: “Meu sabonete é o Eucalol”. Então, eu só admitia tomar banho com Eucalol. Era Eucalol mesmo que eu tinha que usar. Depois ela fez Kolynos. O Leite de Rosas patrocinou a Emilinha durante um ano inteiro. Ela viajando pelas capitais do Brasil. Então meu desodorante era o Leite de Rosas, claro. Até hoje, quando eu compro sardinha em lata, é sardinha Coqueiro. Eu não tomo guaraná. Um certo aí que eu não gosto nem de dizer o nome. (*O guaraná Antarctica*) Até cerveja eu não tomava, mas era bairrismo, porque Brahma era Rio de Janeiro e Antarctica era São Paulo, mas infelizmente a Brahma começou a me dar dor de cabeça e eu tive de começar a tomar Antártica, até que conheci a Bohemia. (*A implicância com a Antarctica tem origem no lançamento do guaraná Caçula*).

Em 1949, a Emilinha era o ídolo maior desse país, maior e único. A Marlene cantava no Copacabana Palace e se dizia cantora de elite, porque a Marlene sempre foi besta a esse

ponto. Ela se acha muito fina, muito coisa... Então, foi uma grande surpresa a Emilinha não ser eleita *Rainha do Rádio*, porque eram votos que você comprava. Na própria *Rádio Nacional* você comprava. Então, acabou que a Emilinha tirou terceiro lugar nesse concurso porque a Antarctica deu um cheque em branco. Depois, se repetiu em 1954, quando a Ângela Maria também ganhou como Rainha do Rádio, com o patrocínio da Antarctica. (*Emilinha foi*) a única artista que não teve patrocínio de ninguém. E, curiosamente, o ministro da Fazenda da época era sogro de Emilinha.

Maquiagem

Não tive o privilégio de maquiar a Emilinha para o programa do César de Alencar, porque eu era muito pequenino. Passei a maquiar Emilinha na *Rádio Tupi*, no programa Manuel Barcelos, já nos anos 1960. O último programa de auditório do Manuel Barcelos no ar foi em 64, com a “Revolução”. A Emilinha cantava de meio-dia a meio-dia e meia. Era uma maquiagem social. Maquiagem social é uma maquiagem que você faz para ir num casamento, pra ir num teatro, mais leve, mais suave, mais simples. Para o palco, nós temos que carregar mais na tinta, porque é muita luz em cima e as pessoas vão ver de longe. No camarim eu maquiava Emilinha e ela ia para o palco. Quando acabava o espetáculo, nós nos trancávamos e eu desfazia. Fazia uma maquiagem mais leve, pra que as pessoas pudessem ver de pertinho. Porque a maquiagem teatral vista de perto é muito feia. Eu não deixava que vissem Emilinha com aquela maquiagem carregada. Para a revista, tinha que ser uma maquiagem para preto e branco, que é uma maquiagem totalmente diferente para uma revista colorida, né? Preto e branco você acentua os lábios, põe menos *blush*. Colorido não, você tem que colorir mais a pessoa, se não apaga.

3) Maria Stela Souza Carvalho, 81 anos, dona de casa, natural do bairro do Encantado, no subúrbio do Rio de Janeiro, dois filhos. Morou em Muriaé nos primeiros anos do casamento, é viúva, mora com um filho adulto em Madureira.

Segunda Guerra Mundial

Tinha meus 14 anos naquela época, tinha o *Repórter Esso* (1941-1968). Todo mundo ficava em volta do rádio, pra escutar as notícias. Agora, quando a gente ia ao cinema, aí é que passava aquele jornal. Aí que a gente via como é que era a guerra. Porque a gente não via né? Só escutava, agora a gente vê tanta coisa. Vê vulcão! A gente não sabia.

Meus vizinhos foram convocados, meu tio. Teve racionamento, eu estava na escola já. Foi quando os estudantes pediram a Getúlio, guerra, eu quero guerra, porque tinham afundado os navios, foi aí que o Brasil entrou em guerra. Tenho um tio que foi convocado,

mas ele era doente, aí disse que não foi. Agora, quando acabou deu no rádio “Acabou a Guerra” aí foi uma alegria muito grande. Eu morava ali, no largo da Abolição, teve uma festa que você nem imagina!

Soube do fim da Guerra pelo rádio. Toda hora o rádio dava notícia. Falava que os brasileiros estavam bem. Aí eles chegaram, desfilaram pela Presidente Vargas, fomos ver lá os Pracinhas. Teve até um rapaz que quando tava tendo a guerra ele foi, mas na volta teve um acidente no caminhão em que ele estava. Mas foi muito triste, tinha cota pra comprar carne, feijão, arroz...Não era muito não.

Radiojornalismo

Eu sei de tudo pelo rádio. Meu filho compra o jornal, mas eu nem leio tanto, porque quando vou ler no jornal já sei até as fofocas daquela Jussara Carioca, do programa do Antônio Carlos, as fofocas eu sei tudo, já tô sabendo. Hoje mesmo deram um tiro no metrô. Bateu no vidro quando passou ali no Jacarezinho. Três pessoas foram socorridas. Eu ouvi na Bandeirantes AM. Porque eu peguei aquele da Tupi, aí mudei e passei pra Bandeirantes. Mas eu sempre escuto Loureiro Neto. Aquele que tem os debates, porque eu sempre escuto os debates. Eu era fã do Haroldo de Andrade, mas ele faleceu. Jornal eu prefiro o *Extra*, mas eu não preciso de jornal todo dia, porque eu escuto o rádio. Quando Getúlio morreu, meu marido tava dormindo. Eu tava com meu filho no colo, aí deu “Getúlio acabou de se suicidar”, aí eu acordei ele, disse que Getúlio tinha se matado, aí foi aquele reboliço, uma confusão. Eu tava em Leopoldina (Zona da Mata de Minas Gerais) nessa época. Eu sou do rádio, tava escutando o rádio, devia ser pela Nacional, quando morreu o Kennedy (John F. Kennedy, presidente dos EUA, assassinado em 1961), eu escutei no rádio também. Aí acordei ele também. Eu fico sabendo da notícia. Eu gosto de rádio, acho que faz muita falta, porque televisão é bom, a gente vê, eu gosto de ver reportagem. Vejo o RJ, gosto muito da Record, que tá melhor ainda, mas eu gosto também da notícia do rádio, porque o rádio é imediato.

Rádio companheiro

Chacrinha tinha um programa de dançar. Eu lembro que a gente dançava em casa. Nós também reuníamos os amigos pra dançar e a gente dançava pelo rádio. Já dancei muito ao som do rádio em casa, com as coleguinhas. No começo o rádio era pequeno, mas depois a minha mãe comprou um rádio que tinha também para tocar disco. Era mais moderno. Não era que nem hoje, que hoje eles colocam o som tão alto que a gente vai a uma festa e não consegue conversar. Mas era bom o som. Era bom o som do rádio.

Hoje, ligo o rádio de manhã vai até tarde. Porque eu não posso ficar sentada vendo televisão, porque eu tenho serviço para fazer, e eu acho que o rádio, tanto que meu filho briga que eu coloco o rádio alto, porque eu sou meio surda. Comprei um radinho pequeno, porque aí eu posso ouvir meu radinho pequeno, na hora que eu quiser, baixinho. Eu gosto

muito de rádio. Aqui tem esse Transglobe, aquele ali funciona, acabei de desligar ele agora. A primeira coisa que eu faço de manhã é ligar o rádio, porque eu gosto do rádio, porque o rádio transmite muita coisa. A gente sabe. Às vezes eu falo alguma coisa com a minha filha ela não sabe, aí eu digo que ela não sabe porque não escuta rádio, só coloca pra ouvir música. Eu digo que não pode ser assim. Eu sei tudo o que acontece. O rádio é muito importante.

Auditório

A minha vizinha gostava muito de Luiz Gonzaga. Minha filha outro dia falou que adora Luiz Gonzaga. Será que teve influência? Tinha rádio lá (Minas Gerais), mas eu gostava de escutar a rádio daqui. Acho que era a Nacional e a Tupi. Tinha a Mayrink Veiga. Eu cheguei a ir à Mayrink Veiga. Nós almoçávamos quando eu trabalhava na rua do México, e a Mayrink Veiga era na avenida Rio Branco. Na hora do almoço nós íamos assistir. Lembro do Jamelão, que minha amiga chamava de azeitona. Dizia que era tudo igual, bolinha preta. (risos). Na Rádio Nacional eu cheguei a ir. Depois do almoço nós fomos assistir. E na Rádio Clube nós fomos umas duas vezes, depois do almoço. Tava Napoleão Tavares e sua Orquestra. Era na avenida Rio Branco. Na Mayrink Veiga tinha um programa de calouros que era bom, *Papel Carbono*. Tinha o Ari Barroso também. *Calouros do Ari* (Rádio Tupi). Ninguém perdia.

Baile do Chacrinha

O Chacrinha também tinha um programa na rádio que era de dançar. Eu lembro que a gente botava no Baile do Chacrinha e dançava em casa. Nós reuníamos os amigos pra dançar e a gente dançava pelo rádio. Dancei muito ao som do rádio. Em casa, a gente reunia as coleguinhas. No começo, o rádio era pequeno, mas depois a minha mãe comprou um rádio que tinha também toca-disco. Era mais moderno. Não era um som tão alto que nem hoje. Hoje eles colocam o som tão alto que a gente vai a uma festa e não consegue conversar. Mas era bom o som. Era bom o som do rádio.

4) José Bezerril da Silva, 74 anos, ex-operário da construção naval, natural de Goianinha, no Rio Grande do Norte. Hoje trabalha como porteiro num prédio em Laranjeiras, na Zona Sul do Rio de Janeiro.

Jornalismo

Eu só ouvia o *Repórter Esso*, que era feito naquele prédio da Esso que tem perto da embaixada dos Estados Unidos. Eu cheguei a trabalhar ali pouco tempo, como ajudante de marceneiro, e tinha uma sala onde gravavam o *Repórter Esso*. Era o maior barato. O prédio tá lá até hoje. O *Repórter Esso* todo mundo escutava, que nem aquela novela *O Direito de*

Nascer. Todo mundo saía correndo pra escutar. Eu escutava todo dia porque era o melhor repórter que tinha na época. O resto era balela. Eu ouvia mais à noite. Durante o dia não... Era “Alô, Alô Repórter”.

Voz do Brasil

Às vezes eu ouço. Todo mundo acha que é um pé no saco, mas eu não acho. É bem interessante. Sei que é chato, mas é interessante porque divulga tudo. Tudo que você quer saber da sua nação, da sua política. Pena que o brasileiro desliga o rádio. Mas cada um tem seu cada um. A gente tem que respeitar. Essa questão do obrigatório é que é chato. Não deveria ser, como não deveria ser obrigatório você servir às Forças Armadas. Tudo que é obrigado é chato. Eu servi o Exército. Não tenho arrependimento nenhum. Fiquei três anos e meio lá dentro.

Mayrink Veiga

Eu ouvia a Rádio Mayrink Veiga, nossa rádio. Todo mundo ouvia a Mayrink Veiga. Quando ela saiu do ar (após o Golpe Militar de 1964), eu disse pro rapaz que devia ter algo errado, a Mayrink Veiga saiu do ar. Ela dava a cobertura do movimento. Aí, não deu outra, o Exército chegou quebrando tudo. Eu disse: “ih! Sujou”. Ela tinha uma programação comum, mas tinha esse negócio que falava de política. Dava cobertura pra gente, pro pessoal que trabalhava em estaleiro. Não só pra gente, como pro pessoal da ferrovia. Dava uma cobertura sobre a greve, aumento, incentivava o pessoal a ir pra greve. E ouvia o dirigente sindical também.

A Mayrink era identificada como a rádio dos marítimos, e de outros sindicatos, como o dos ferroviários. Não havia um programa só dos sindicatos. Quem queria aparecia em alguma entrevista. Mas eu nem nunca fui. Meu negócio mesmo era trabalhar. Depois eu fiquei chateado quando (os simpatizantes do Golpe de 64) ficaram chamando naval de comunista, dizendo que era todo mundo comunista e saíam batendo em todo mundo. Fora os que eles mataram, né? Assim eu soube. Até lá em Neves (em São Gonçalo), tinha uma estação velha que virou até depósito de presos.

Eu ouvia a Rádio Nacional e a Mayrink Veiga normalmente, já em 50. Aqueles programas de auditório, de calouros, torcia pelos calouros. Eu nunca fui à Nacional. Fui uma vez na Mayrink Veiga em programa de calouros, mas fui assistir. Ficava na rua Mayrink Veiga, perto da Nacional. A rádio que tinha mais ênfase junto ao público era a Rádio Nacional e a Tupi, com Ari Barroso. Como se fosse uma Globo hoje. Naquela época não tinha televisão. A Mayrink Veiga era mais de política, incentivava os sindicatos. Era de noite. Não lembro o nome do programa, nem do locutor.

A Mayrink Veiga a gente ouvia mais quando tinha um problema nosso, por exemplo uma passeata no dia. Até sair do ar, em 64. A Nacional era diferente. Era mais programa de

calouro. Quando a Mayrink foi fechada, eu escutava a Rádio Nacional e a Tupi, que tinha tipo uma novela chamada *Jerônimo, herói do sertão*. Todo mundo ouvia o *Jerônimo*. Tinha cara que mandava carta pra lá, pra ele defender a terra dos pobres lá e tudo. Vê como o povo é burro!

Tinha também o *PRK-30*, que começou na Mayrink Veiga (1944-1946). Tinha o *Peladinho*, que era às sextas-feiras, metia o pau no Flamengo. Tinha também o programa de calouros do Ari Barroso. Acho que era Rádio Tupi.

Novela

Eu nunca fui de ouvir radionovela, nem as mais famosas, como *O Direito de Nascer*. Tinha colega meu que saía direto, sem nem tomar banho, pra não perder a novela. Uma novela que cheguei a ver um pedaço foi *Irmãos Coragem*, na televisão. Era uma história típica do Nordeste. Às vezes eu me identificava, mas nem essa eu vi toda, porque eu detesto novela! No final, a mocinha se casa e pronto. Tá feita a história. Todas elas são iguais, não tem diferença nenhuma.

Entretenimento

Eu gostava muito do Luiz Gonzaga. Todo brasileiro deveria ouvir. Música nordestina eu sempre gostei. Eu também ouvia o programa do Luiz Vieira. Era um baluarte do rádio, muito bom. Gosto de música, mas não esse negócio de música *funk*. Isso é um nojo, desculpa a expressão. É antissocial. Tava aqui na televisão, às nove horas da noite, um programa com a mulher com tudo de fora. Para com isso!

Rádio x televisão

A televisão é um baita dum veículo. Isso ninguém vai negar nunca. Mas o rádio, eu vou lhe contar, viu. O rádio tem sua bela contribuição. Ainda hoje tem. Lógico que caiu bastante, ainda mais na época em que nós estamos. O rádio não tem imagem. Então você tinha que imaginar o herói. Porque é tudo fictício, a gente sabe muito bem disso. Mas imaginar não era ruim. Era bom.

Notas

- 1) Trilha sonora que permanece ao fundo (em segundo plano) durante uma locução.
- 2) O programa de calouros mais lembrado foi o de Ari Barroso, na Rádio Tupi.
- 3) Hoje sabe-se que o empresário do cantor queria que as costuras do terno fossem frágeis o bastante para facilitar a ação das fãs, algumas delas, dizia-se à época, contratadas para encenar os excessos.
- 4) A faixa de 1.220 kHz da Mayrink Veiga, na época uma emissora de frequência

internacional, é ocupada desde os anos 1970 pela Rádio Globo.

5) O telejornal Pirelli era exibido na TV Rio, canal 13, e teve Leo Batista como seu principal locutor. O Repórter Esso, transmitido inicialmente pela Rádio Nacional e depois de 1965 pela Rádio Globo, teve como principal locutor na TV Tupi Gontijo Teodoro.

6) Dados do Anuário do Rádio de 1950 (Perdigão, 1998)

Bibliografia

ALMEIDA, Alda. *Dial e cotidiano: o rádio na vida de três gerações de cariocas*. Niterói, 6º Congresso de História da Mídia, 2008.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade – Lembranças de velhos*, São Paulo, Companhia das Letras, 1994, 3ª edição.

JACKS, Nilda. *Tempo e espaço e recepção*, Compós, 1995.

LAVANDER, Sandro Macassi. “Recepción y consumo radial una perspectiva desde los sujetos”, Lima, revista Diálogos, 1995.

PERDIGÃO, Paulo. *No ar PRK-30 – o mais famoso programa de humor da era do rádio*, Rio de Janeiro, Casa da Palavra, 1998.

ANEXO

Roteiro de perguntas

1. Onde nasceu e há quanto tempo mora na Região Metropolitana do Rio de Janeiro?
2. Com quantos anos se lembra de ter começado a ouvir rádio?
3. O que o levou a ouvir o primeiro programa de rádio?
4. Qual foi o programa e quem escolheu?
5. Foi em casa, no trabalho ou na casa de vizinhos?
6. Recorda a marca do rádio que tinha na sua casa?
7. O veículo foi muito presente durante a sua juventude?
8. Hoje em dia, qual a frequência com que ouve rádio?
9. Ouvia muitas novelas?
10. E programas de auditório?
11. Quais as principais lembranças da história do rádio?
12. Lembra-se de algum momento marcante na sua vida por causa do rádio?
13. Quais as vozes que marcaram seu cotidiano?
14. Quais programas jornalísticos que preferia?
15. Costuma ou costumava ouvir a *Voz do Brasil*?
16. Mantinha contato com a música através do rádio? Que gêneros musicais?
17. O senhor se lembra de ter ido a algum auditório de rádio?
18. O senhor participou ou testemunhou algum confronto entre fã-clubes?
19. O senhor trabalhava em quê? E seus pais?
20. O senhor se aproximou da sua cidade através de algum programa de rádio?
21. Havia alguma emissora paradigmática na cidade? Radialistas? Radioatores?
22. Na casa do senhor, em que cômodo ficava o aparelho de rádio? E hoje?
23. Com a chegada da televisão, o rádio perdeu lugar na casa?
24. O senhor acha que houve alguma influência dos cantores e atores do rádio na televisão?
25. Qual a frequência com que o senhor sintonizava suas emissoras preferidas?
26. Quais eram os horários e os locais de escuta? E atualmente?
27. Quais foram os programas prediletos? E atualmente?
28. Hoje ouve mais AM ou FM?
29. Havia algum tipo de censura familiar e/ou social na escuta radiofônica?

30. As informações que escuta no rádio normalmente são aproveitadas pelo senhor? Por exemplo, dicas de saúde.
31. Repassa estas informações adiante?
32. Quais as lembranças dos comunicadores e dos estilos de rádio ao longo do tempo?
33. Qual o comunicador atual de preferência?
34. Quantos aparelhos de rádio tem atualmente?
35. Moram quantas pessoas na sua residência?
36. Ouve programas religiosos? Quais?
37. O rádio influenciou de forma decisiva na sua visão de mundo em algum determinado momento de vida?
38. Lembra de ter votado em algum candidato por influência do rádio? E as pessoas próximas?
39. De que forma o veículo influenciou hoje na sua vida?
40. Comprava os produtos que eram anunciados no rádio?
41. Lembra de alguma propaganda marcante?
42. Qual é a sua forma de escuta?
43. Chegou a participar de alguma promoção do rádio ou votar em uma rainha do rádio?
44. Fale um pouco sobre a imagem que o rádio cria na cabeça de cada um. Até que ponto pode ser decepcionante ver um artista de rádio pessoalmente?
45. Como percebe as mudanças de formato e as transformações na linguagem e no estilo do veículo?
46. Havia uma ligação entre o cinema e o rádio?
47. Usa internet? E vê alguma ligação do rádio com a internet?
48. Acha que o rádio tem melhorado ao longo desses últimos anos?
49. Em que aspectos o rádio pode ter piorado?

